

É com imensa satisfação que o Departamento de Geografia da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, por meio da *Revista Tamoio*, divulga alguns resultados do III Seminário Nacional Metrôpole: Governo, Sociedade e Território/ II Colóquio Internacional Metrôpoles em Perspectivas que teve como tema geral “Território usado e cartografia da Ação: Por uma nova gestão urbano-metropolitana”. A realização do evento teve o apoio institucional da FAPERJ, Capes e SR3(UERJ), ocorreu entre os dias 1º e 3 de dezembro de 2010, nas dependências da FFP/UERJ.

A organização deste encontro de pesquisadores teve como principal objetivo discutir as questões referentes a metrópole, contou ainda com a participação direta na sua concepção e estruturação do *Laboratório da Conjuntura Social: tecnologia e território* do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da UFRJ, da *Coordenação de Geografia do Departamento de Educação e Sociedade* da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e do *Grupo de Pesquisa e Extensão Território e Mudanças Contemporâneas* (Laboratório de Estudos Metropolitanos – LEME/ Núcleo de Estudos Sociedade, Espaço e Raça – NoSER) da FFP/UERJ.

Aqui serão discutidas, por diferentes autores, questões pertinentes a vida metropolitana nestes tempos de tantas mudanças, conturbações e incertezas. As análises são desenvolvidas de maneira consistentes sobre os diversos temas, os quais passamos comentar a seguir.

Pablo Ciccolella, em “La ciudad mestiza: metrópolis latinoamericanas atrapadas entre la globalización y la inclusión social”, irá discutir sobre as novas perspectivas das metrópoles latino americanas em um contexto de mudanças, mas que precisam ultrapassar os modelos historicamente hegemônicos produzidos pelo capital financeiro e imobiliário, que são responsáveis pelas profundas desigualdades metropolitanas, contrapondo nestes novos tempos a emergência de novos atores que buscam outros sentidos para vida coletiva. As contradições são inerentes, visto que estes últimos, organizados, criam novas linhas de tensões buscando inaugurar alternativas de cidade compatíveis com os sonhos dos que as produzem, onde as desigualdades sejam superadas pelas

lutas de todos. Neste texto, o autor apontará as estratégias que são usadas pelos movimentos sociais com o objetivo de busca mais justiça social para todos.

Fábio Tozi é responsável pela inversão da análise, em seu texto “Meio técnico, tenologia e tecnobrega: a cidade e a pirataria como possibilidades”. A partir da realidade de Belém, duas inversões importantes: o tratamento não-criminalizante do que se denomina “pirataria”, como uma forma de desapropriação de direitos autorais; ao mesmo tempo, trata do circuito inferior da economia, onde transita a informalidade e a pirataria como forma de potencia para movimentar a economia. O resultado que autor nos premia é a realidade do “tecnobrega” expressão forte que caracteriza toda uma prática sócio-espacial da produção de territórios.

Maíra Vieira Vale, jovem pesquisadora, nos convida a entrar no universo da Economia Solidária como fator fundamental para reduzir “tragédias” produzidas pelo desemprego e, ao mesmo tempo, uma reação dos movimentos sociais urbanos contra a “deterioração e flexibilização das relações de trabalho e intensas críticas ao modelo econômico dominante”. O seu trabalho, intitulado: “Perspectivas sobre a economia solidária e a produção do espaço gonçalense”, sendo este o seu recorte espacial, onde desenvolve as suas pesquisas, entre os ativistas reúnem-se em Fórum Municipal de Economia Solidária para traçar metas para as cooperativas.

Assim, como FabioTozi e Maira Vieira Vale que examinaram a economia popular, a pesquisadora Marina Regitz Montenegro busca compreender o universo da economia popular lançando mão dos ensinamento de Milton Santos (um dos homenageados do III Seminário Metrópole), trabalhando o tema: “O circuito inferior no centro de São Paulo frente às dinâmicas da globalização e ao uso corporativo do território”. O autor explora o (des)encontro da economia popular com grandes empresas em estágio superior de acumulação, convivendo ainda com outras empresas de níveis diferenciados. A autora que denomina que a área foco de suas análises – Santa Ifigênia, Região da Luz (SP) —, vem se consolidando por meio da ação do Estado uma área de contradição, onde aqueles que estão no contexto inferior da economia vêm perdendo cada vez mais

importância de acordo com direcionamento dado às grandes estruturas econômicas e de grande alcance espacial.

A Baía de Sepetiba vem se tornando um dos principais pólos econômicos da metrópole carioca. Além da Casa da Moeda e a White Martins, existem projetos de ampliação de infraestrutura portuária com diferentes agentes e agências. As autoras Patrícia Santiago Pato e Désirée Guichard Freire, criaram a parceria para tratar “Implantação da Companhia Siderúrgica do Atlântico na Baía de Sepetiba-RJ”, onde as empresas vale do Rio Doce que detém o controle de exportação de minério e outros serviços associa-se a multinacional do aço alemã Thyssenkrupp, para criação da CSA. As autoras recortam o período de 2005/2010 onde o assentamento teórico-metodológico tem como base conceito de Grandes Projetos de Investimento.

O autor Igor Martins Medeiros Robaina analisa as diferentes apropriações e conflitos gerados pelos grupos “marginalizados “em situação de rua” pelo uso do espaço público, no texto “as populações de rua nas grandes metrópoles: reflexões sobre tensões, conflitos e territorialidades nos espaços”. O recorte teórico escolhido pelo autor é o território, pensando que a apropriação deste espaço pelos grupos “em situação de rua” trás consigo uma representação estigmatizada pois faz deste lócus o motor de sua sobrevivência. Neste sentido, as populações em estado de rua vive o dilema do movimento entre territorialização e desterritorialização, tendo a dificuldade de assentar as suas identidades.

Na seção “Sentido das coisas”, Geraldiny Malaguti apresenta a reflexão o “‘Hiato Social’: Trabalhadores Sem teto no Shopping”, onde paradoxalmente, é negada a visibilidade de uns em função da ocultação de outros. Aqueles com acesso disponibilizado em quase todos os espaços públicos da cidade e os últimos com os movimentos controlados pelos aparatos de segurança, que impede os “indesejáveis” de suja ambiente aparentemente “asséptico” de muita “salubridade”, o shopping, templo de consumo da classe média. Geraldiny constrói um texto cheio de “aspas” em função dos múltiplos significados da vida urbana.

Por Andreilino Campos
(Prof. Adjunto FFP/UERJ)